

## AMBIGÜIDADE LEXICAL

João de ALMEIDA\*

---

*RESUMO: O trabalho procura conceituar homonímia e polissemia, do ponto de vista sincrônico, reunindo as orientações de Mattoso Câmara Jr. e B. Pottier. E quer mostrar a confluência de ambos os fatos para a ambigüidade da frase, como riqueza de expressão em diversos textos, de cunho literário e popular.*

*UNITERMOS: Homonímia; polissemia; ambigüidade; análise de texto; semântica.*

---

A polissemia e a homonímia são fenômenos lingüísticos diferentes de origem, mas que acabam confluindo para o mesmo resultado: a ambigüidade da frase.

A oposição de sua própria nomenclatura, polissemia e homonímia, já põe em evidência enfoques diversos, ou seja, a polissemia (*poli* mais *semia*) objetivando o significado e a sua multiplicidade, a homonímia (*homo* mais *nome*) envolvendo os significantes e a sua identidade.

O esclarecimento de ambas as noções em trabalhos de feição tradicional (1, p.87) coloca tais fenômenos tratados diferentemente na linha do tempo, a polissemia como uma realidade sincrônica e a homonímia como um conceito essencialmente diacrônico, cujo bom conhecimento ficaria assim em estreita dependência do que se pode saber da história da língua e, neste caso, com o percalço dos obstáculos das etimologias desconhecidas. O lexema *operação* aparece como exemplo da primeira noção, pela sua variedade de sentido (médica, militar, matemática, etc.), que só o contexto pode precisar. O lexema *são* surge como um caso típico da segunda noção, por representar a convergência fônica de palavras de origens diferentes (latim: *sunt, sanu-, sanctu-*).

Mattoso Câmara procura ver a solução da homonímia em termos sincrônicos (5, p.17) com o propósito básico de eliminar a "intromissão da consideração diacrônica

---

\* Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 19800 – Assis – SP.

na descrição sincrônica”. E considera certo “partir da distribuição das formas, isto é, da maneira por que os morfemas aparecem nos vocábulos e os vocábulos nas sentenças” (5, p.18). Para ele, então, “a distribuição diferente indica a homonímia e a mesma distribuição é sinal de polissemia”. Ou seja, surgem como homônimas as formas que, nos padrões da sentença, se distribuem de maneira diversa (um *canto alegre/canto* alegremente), o primeiro como substantivo, o segundo como verbo. A polissemia, ao contrário, envolve os casos de identidade dessa distribuição, a partir da igualdade em classes de palavras das formas que se opõem (o *cabo* do pelotão dois/o *cabo* da vassoura).

No critério de Mattoso predomina uma visão sintática com os lexemas, na referida distribuição pela sentença, e uma visão mórfica com os morfemas, já que se envolve na oposição homonímica também as significações gramaticais. Deste modo, ocorre uma dupla homonímia com a oposição *casas* (substantivo)/*casas* (verbo), em que, além do lexema *casa*, a distribuição diversa envolve igualmente a oposição -s (marcador do plural do nome *casa* “residência”) e -s (marcador da segunda pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *casar*).

Já Bernard Pottier encara o problema sob o ponto de vista semântico (6, p.131). Os casos de homonímia que, a seu ver, “devem ser resolvidos geralmente pelo receptor”, envolvem sememas totalmente independentes, isto é, que não coincidem sequer em um sema (s1, s2, s3, para *manga* “fruta”/s10, s11, s12 para *manga* “parte do vestuário”). Ocorrerá no entanto polissemia se, na oposição significativa de duas formas, pelo menos um sema ocorrer. Assim: s1, s2, s3 para *capa* (de livro)/s1, s10, s11 para *capa* (de chuva), onde s1 pode representar a noção “para cobrir”. Não há independência entre tais formas, mas intersecção de traços significativos.

As duas posições referidas, a morfossintática de Mattoso Câmara e a semântica de Pottier, vistas separadamente, acabam por entrar em conflito. Se tomarmos como exemplos as oposições abaixo, que a Gramática Histórica da Língua apresenta como casos de homonímia (3, p.222) por resultarem de vocábulos de origens diversas:

1. boa (adjetivo) do latim <i>bona</i> “qualidade positiva”	X	boa (substantivo) do tupi “cobra”
2. são (adjetivo) do latim <i>sani-</i> “sadio”	X	são (verbo) do latim <i>sunt</i> (3ª pessoa do plural do presente do indicativo)
3. rio (verbo) do latim <i>rideo</i> “ação de rir”	X	rio (substantivo) do latim <i>rivu-</i> “corrente de água”
4. capão (substantivo) do tupi “porção de mato isolado”	X	capão (substantivo) do latim <i>cappone</i> “frango capado”
5. lima (substantivo) do árabe “fruta”	X	lima (substantivo) do latim <i>lima</i> “ferramenta”

6. cabo (substantivo) do latim <i>caput</i> “graduação militar”	X	cabo (substantivo) do latim <i>capulu</i> “parte onde se segura uma peça”
7. canto (verbo) do latim <i>cantare</i> (1ª pessoa, presente indicativo)	X	canto (substantivo) do latim <i>cantu-</i> “manifestação vocal”.

verificaremos que, enquanto as posições de Pottier e Mattoso concordam em 1, 2 e 3, tratando os casos como homonímia, o mesmo não sucede em relação a 4, 5, e 6 os quais, para Mattoso, por identidade de distribuição, representam polissemia e, para Pottier, por independência semântica, representam homonímia. Em 7, inverte-se a classificação, sendo homonímia para Mattoso, por distribuição sintática diferente, e polissemia para Pottier, por intersecção sêmica.

Divergências dessa ordem dificultam a transmissão coerente dos conceitos e, assim, a nossa preocupação pedagógica nos levou a montar, para facilidade da visão sincrônica do estudante, um critério composto, sobre os próprios tratamentos sintático e semântico de ambos os estudiosos citados.

Esse nosso critério complexo leva em conta fundamentalmente a divisão de Mattoso Câmara:

A. Vocábulo de significantes iguais, que se encaixem em classes de palavras diversas e que, portanto, tenham distribuição sintática diferente, representam *casos de homonímia*:

Ex.: o *rio* desemboca no mar / eu *rio* muito daquela situação.

B. Vocábulo de significantes iguais, que se encaixem na mesma classe de palavras e que, portanto, tenham idêntica distribuição sintática, representam *casos de polissemia*:

Ex.: resolução *clara* / cor *clara*  
*com exceção de*:

B.1 – casos em que há total divergência semântica (base em Pottier)

Ex.: *manga* (fruta) – *manga* (parte de vestes)

B.2 – casos em que ocorre diferenciação gráfica

Ex.: *coser* (costurar) – *cozer* (cozinhar)

os quais se configuram casos de *homonímia*.

Procedendo a classificação por esse critério composto, podemos fazer coincidir a consideração da homonímia, do ponto de vista sincrônico e diacrônico, em todos os exemplos acima citados, de números 1 a 7.

Mas o problema da conceituação, ainda que resolvido sincronicamente, não pode afastar a verdade de que, na cadeia significativa, ambos os fenômenos se canalizam para a mesma corrente da ambigüidade frasal. Em termos de significação, o importante é pôr em relevo a multiplicidade de significado que uma forma apresenta, seja

provinda da identidade de dois significantes (homonímia), seja resultante da ampliação do sentido de um só (polissemia). E logicamente a economia e a riqueza que isso representa na expressão da linguagem.

A ambigüidade de sentido, que ultimamente tem merecido muita atenção dos estudos lingüísticos, é, como claramente nos demonstra S. Ullmann (8, p.374), um excelente artifício de estilo. E não só colabora no texto literário e no de propaganda, para ampliar o leque de sugestões de leitura, como também serve a textos populares que têm interesse no equívoco da palavra, para o desvio da direção argumentativa.

Se buscarmos, por exemplo, o conhecido *Soneto*, de Vicente de Carvalho (2), que trata da eterna busca da felicidade, e dele destacarmos os dois tercetos finais:

“Essa felicidade que supomos,  
Árvore milagrosa que sonhamos,  
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos  
Porque está sempre apenas onde a pomos  
E nunca a pomos onde nós estamos”

sem dificuldade havemos de notar o expressivo emprego da homonímia, com a oposição *pomos* (substantivo), significando “frutos”, e *pomos* (verbo), 1ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo pôr. É um jogo lingüístico que, evidentemente, colabora para maior expressividade das antíteses utilizadas e da bela metáfora com que o poeta nos transmite a sua imagem da luta constante pela felicidade.

O mesmo recurso aparece em letras de canções populares. Na conhecida *A Banda*, de Chico Buarque de Holanda (4), por exemplo, é notável o jogo polissêmico que domina a segunda estrofe:

“O homem sério que contava dinheiro, parou,  
O faroleiro que contava vantagem, parou,  
A namorada que contava as estrelas, parou  
Para ver, ouvir e dar passagem.  
A moça triste que vivia calada, sorriu,  
A rosa triste que vivia fechada, se abriu,  
A meninada toda se assanhou,  
Pra ver a banda passar  
Cantando coisas de amor”.

É de destaque o emprego do verbo *contar*, no imperfeito do indicativo, variando de sentido conforme a determinação do sintagma nominal que o segue. No sintagma verbal *contava dinheiro*, pode-se perceber a independência semântica dos constituintes, o primeiro com o sentido de “enumerar”, o segundo com o sentido de “cédula ou moeda”. Já no sintagma *contava vantagem*, o sentido do verbo, pela determinação do objeto, passa a ser o de “referir, narrar”, caminhando o sintagma todo para o sentido de “fazer farola, falar sem senso”. Enquanto no terceiro sintag-

ma *contava as estrelas*, o amálgama semântico dos constituintes se faz mais completo, em benefício do sentido metafórico de “olhar inebriada para o céu”. O certo é que a polissemia de *contava* enriquece economicamente o texto, deixando ao mesmo tempo idênticos corpos fonológicos, para a adequada cadência do ritmo da canção.

Em letra de música mais recente, denominada “Seu amor ainda é tudo”, de autoria e gravação de Moacir Franco, o processo ambíguo utilizado se baseia na homonímia, no trecho seguinte da terceira estrofe:

“Eh, minha cara, mudei minha cara  
 Mas por dentro eu não mudo  
 O sentimento não pára  
 A doença não sara  
 Seu amor inda é tudo, tudo”.

Observe-se que o primeiro sintagma *minha cara* tem por núcleo o adjetivo *cara*, com o sentido de “querida”, e que o segundo sintagma, depois do verbo *mudei*, se baseia no substantivo *cara*, parte do corpo, com o sentido de “face, aparência”, em oposição ao do interior que a coordenada adversativa manifesta. Não obstante, o segundo sintagma *minha cara* parece que, ambigüamente, também acaba por carregar o sentido que procede do primeiro, em decorrência é lógico da seqüência da cadeia sintagmática. São sugestões que ficam ao leque de interpretações do leitor, por força da expressividade do processo adotado.

Vale também ligeiramente abordar o recurso em um texto humorístico, que no momento vem sendo objeto – com mais profundidade, é claro – de análises lingüísticas e sociológicas de pesquisas acadêmicas. Vejamos o seguinte (7, p.34):

“O governador assiste à televisão num domingo à tarde.  
 Chega um assessor e pergunta:  
 – Firme, governador?  
 Ao que o governador mineiro responde:  
 – Firme, não. Por enquanto é o Sirvo Santos”.

Sem que se possa deixar de lado a crítica político-social – que não é a nossa preocupação de momento –, queremos para nova ilustração de nosso tema pôr em relevo a ambigüidade pela homonímia entre o adjetivo *firme* e o substantivo *filme*, ajustado este naturalmente pela neutralização regional da oposição fonêmica das líquidas *lê/rê* em final de sílaba. Ocorrem, pois, ao mesmo tempo, fenômenos de natureza semântica e de natureza fonética, para produzir a ambigüidade e, conseqüentemente, o equívoco do diálogo, que se esclarece, para o leitor, através da pronúncia a seguir do nome do locutor Sílvio Santos. Existem fatores de ordem diversa para levar ao cômico, mas percebe-se que a base lingüística assume papel fundamental nesse sentido.

E, por fim, entrando ainda mais em enunciados de cunho popular, não podemos deixar de referir a constante utilização da riqueza lingüística da ambigüidade nas chamadas “frases de caminhão”, nesses enunciados que veiculam pelas nossas estradas o bom humor de seus mais permanentes usuários. Eis dois exemplos:

- a) “Não olhe a mulher dos outros e conserve a sua direita.”  
 b) “Seja paciente na estrada para não ser no hospital.”

Dentro dos critérios sincrônicos aqui formulados, o exemplo *a* mostra um caso de polissemia e o *b* um de homonímia. No primeiro caso, o autor anônimo joga com a ambigüidade do sintagma *a sua direita*, para duas interpretações: *a sua (mulher) direita*, em que o adjetivo funciona como predicativo do objeto; *a sua (mão) direita*, em que o adjetivo funciona como adjunto adnominal do substantivo subentendido. Além disso, é claro, também ocorre a duplicidade no emprego do possessivo *sua* pela diferente determinação em cada sintagma. A segunda frase coordenada representa, pois, um duplo efeito da “curiosidade” da primeira: 1º) poder perder a sua linha correta de direção; 2º) poder perder a seriedade da própria companheira.

No segundo enunciado anônimo, que é uma expressiva advertência aos imprudentes das rodovias, a duplicidade de sentido repousa sobre o significado de *paciente*. Como adjetivo quer traduzir as boas características de “tranqüilidade, serenidade e resignação”, que deve manter um bom motorista para evitar acidentes; como substantivo quer expressar “a pessoa doente, vitimada” que, em conseqüência de ato imprudente, vai parar no hospital. Como diz Pottier (6, p.131), esse caso ambíguo de homonímia é rapidamente resolvido pelo leitor, em decodificação eficaz.

Em conclusão, há que se sublinhar que o importante é destacar, seja através de formas polissêmicas, seja através de formas homônimas, a ambigüidade textual como riqueza de expressão, que com economia de palavras amplia a possibilidade de interpretações e se revela como processo comum da linguagem do humor. Se na mensagem predominantemente referencial a diversidade polissêmica tem o mérito de valorizar extraordinariamente o contexto, pela importância que este assume na eliminação da ambigüidade, nas mensagens de predominância da função poética, o mesmo processo enriquece sobremaneira o texto, pelo leque de sugestões no discurso literário, pela eficácia na linguagem de propaganda, pela diversidade de orientação argumentativa no discurso humorístico de sabor popular.

---

ALMEIDA, João de – Lexical Ambiguity. *Alfa*, São Paulo, 34: 187-193, 1990.

*ABSTRACT: This paper tries to define homonymy and polysemy synchronically, matching Mattoso Câmara's and B. Pottier's directives. It also intends to show the confluence of both facts contributing to the ambiguity of sentences, as varieties of expression in several literary and folk passages.*

*KEY-WORDS: Homonymy; polysemy; ambiguity; text analysis; semantics.*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROS, E. M. de – *Português para o Ciclo Universitário Básico: redação, gramática*. São Paulo, Atlas, 1982.

*Alfa*, São Paulo, 34: 187-193, 1990.

2. CARVALHO, V. de – “Soneto”. In: SILVEIRA, A. F. Sousa da – *Trechos Seletos*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Briguiet, 1966. p.310.
3. COUTINHO, I. de L. – *Gramática Histórica*. 4ª ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1958.
4. HOLANDA, Chico Buarque de – “A Banda”. In: PIMENTA, A. J. C. – *Saudade seresteira*. Belo Horizonte, BEMGE, 1987. p.14.
5. MATTOSO CÂMARA, Jr., Joaquim – *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
6. POTTIER, B. – *Lingüística moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, (1968).
7. SARRUMOR, L. (org.) – *Mil piadas do Brasil*. São Paulo, Clube do Livro, 1988.
8. ULLMANN, S. – *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Lisboa, Gulbenkian, (1964).